

SEXO

Na hora de conversar com os filhos sobre homossexualismo, pais devem esclarecer as dúvidas com naturalidade. Especialistas afirmam que é importante transmitir o valor moral da família

E o que vou dizer às crianças?

ÉRICA MONTENEGRO
DA EQUIPE DO CORREIO

“E quem vai ser o noivo?”. Mãe e filha assistiam juntas à novela *Mulheres Apaixonadas* quando Raíssa, 9 anos, disparou a pergunta. A menina referia-se às adolescentes Clara e Rafaela, que na trama de Manoel Carlos formam um casal gay. Agora que os direitos homossexuais estão no centro da pauta, a molecada anda curiosa para saber a respeito dos relacionamentos que fogem ao padrão homem-mulher.

Na casa da espietada Raíssa, os adultos evitam dar respostas pela metade. A mãe da menina, a fonoaudióloga Vanessa Dantas Andrade, 29 anos, aproveitou a espionosa dúvida para explicar à filha sobre tolerância. Ensinau que Clara e Rafaela — assim como casais formados por homens e mulheres, não precisam se casar na igreja para serem felizes. “As perguntas dela servem de ponto de partida para nossas conversas”, conta Vanessa.

A naturalidade para tratar assuntos relacionados à sexualidade sempre fez parte do cotidiano da família Andrade. Ainda assim, Vera Lúcia, 50 anos, avó de Raíssa, se surpreende com o nível de curiosidade dos pimpolhos de hoje. “Na época de Vanessa, a pergunta era ‘de onde vem os bebês?’”, conta Vera Lúcia, que é pedagoga. “Hoje, eles querem saber detalhes sobre a relação sexual”, completa a avó. Quando ela quer dizer detalhes, são detalhes mesmo. Na escola particular onde trabalha, Vera Lúcia já ouviu questionamentos sobre sexo anal, sexo oral e transas entre gays e lésbicas.

Pudera, as crianças de hoje recebem muito mais informação do que seus pais tinham na mesma idade. Na televisão, elas assistem a cenas de beijos que terminam na cama. Nas revistas e nos jornais, lêem sobre a luta pelo amor entre iguais. “Sexo sempre fez parte do universo de curiosidade das crianças, mas hoje, por causa do excesso de exposição a estímulos, elas perguntam mais cedo”, explica Virginia Turra, professora de Psicologia Infantil e Adolescência do Centro Universitário de Brasília (Uniceub). As primeiras dúvidas aparecem ainda na primeira infância, as mais elaboradas vêm depois dos sete anos de idade.

Prevenção

Para pais aflitos com as inquisi-

ções infantis, a dica é dizer a verdade sempre. A história da cegonha e do repolho não convencem mais ninguém. Tampouco os relatos de que casais gays existem só na ficção. “Quando as crianças fazem uma pergunta, já estão ligadas naquele assunto”, explica Márcia Gomes Fernandes, diretora pedagógica do Colégio Arvense. “Dizer que não existe ou inventar uma desculpa para não responder, não cola mais”, completa.

No Colégio Arvense, crianças recebem informações sobre sexo à medida que as perguntas aparecem. Márcia garante que, quanto mais informadas elas ficam sobre o assunto, mais preparadas estarão para se livrar de situações de risco de abuso. “Ensinamos que sexo é coisa de adulto, que criança não faz sexo de jeito nenhum”, explica a diretora. Na opinião dela, os pais devem ser claros para que as crianças consigam perceber quando correm risco de abuso sexual.

Outro ponto importante que deve ser seguido pelos pais é respeitar a curiosidade e o vocabulário dos filhos. “A orientação deve ser geral, os detalhes só devem entrar na conversa quando forem exigidos”, ensina Turra. Exemplo: se a pergunta é sobre casais homossexuais, pai e mãe não precisam explicar como é o sexo entre eles. Basta dizer

que são pessoas que fazem opção de namorar e de trocar carinho com outras do mesmo sexo.

Tem hora que os pequenos prenam os pais na parede para conseguir um juízo de valor. Quando a dúvida dos pimpolhos está entre o certo e o errado, é o momento de os adultos serem sinceros com as próprias convicções. “Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, portanto a conversa deve acontecer dentro dos valores, das regras, que regem a família”, aponta a psicóloga infantil Paula Ponce Costa. Isto é, se o pai não concorda com o homossexualismo, deve explicar ao filho o porquê de sua opinião.

Os pais não devem se espantar com comportamentos que julgam indicativos de uma possível tendência homossexual. “Crianças pequenas se divertem imitando comportamentos de adulto, sem que isso tenha maldade alguma”, explica o psicólogo infantil Jason Jair Frutuoso. Em caso de desconforto com a situação, o psicólogo recomenda que os pais procurem a ajuda de um profissional. “Há casos em que o conflito está no pai e não na criança”, conclui Frutuoso.

Daniel Ferreira



VANESSA E A MÃE, VERA LÚCIA, APROVEITAM AS DÚVIDAS DE RAÍSSA SOBRE HOMOSSEXUALISMO PARA FALAR DE TOLERÂNCIA: CRIANÇAS CADA VEZ MAIS INFORMADAS

Carlos Moura



ALUNOS DO COLÉGIO ARVENSE EM AULA DE EDUCAÇÃO SEXUAL: ORIENTAÇÃO

Perguntar não ofende

Quando se trata de crianças, o dito popular é mais do que acertado. Raphael Ramos, 8 anos, ficou curioso sobre homossexualismo depois de ler uma reportagem na revista. Perguntou ao pai o que era aquela palavra com um montão de sílabas. Ouviu que os homossexuais formam um tipo diferente de casal e ficou satisfeito com a explicação.

Curiosidade saciada, o menino passou para a próxima grande dúvida da infância: “Quanto de oxigênio o corpo humano gasta, por segundo, para funcionar?”. Esta o pai não soube responder, a mãe

também não tinha conhecimento. Raphael segue até hoje com a inquietação na cachola.

Os interesses variados de Raphael mostram que não há nada mais natural do que querer saber das coisas. É por isso que os pais devem encarar qualquer pergunta de forma natural. “Ainda bem que criança pergunta, daí a gente repensa nossas certezas”, explica a diretora do Colégio Arvense, Márcia Gomes Fernandes. “Se a criança não ouve respostas satisfatórias dos pais, vai procurá-las com outras pessoas”, completa o psicólogo Jason Frutuoso.

A VERDADE, SEMPRE A VERDADE

Especialistas recomendam que o diálogo franco é a melhor solução para falar sobre sexualidade com crianças.

Sempre responda

Os pais não podem fugir das perguntas. Devem esclarecer as dúvidas com clareza e linguagem adequada ao nível de compreensão dos pequenos. As repostas devem ser dadas na medida da curiosidade das crianças. Por exemplo, se a pergunta está relacionada ao nascimento dos bebês, não é necessário se estender em detalhes sobre o ato sexual.

Deixe as crianças brincarem

A opção sexual de uma pessoa só é definida na vida adulta. Portanto, os pais não devem estranhar brincadeiras comuns. Até seis anos, por exemplo, é normal que crianças se toquem — tanto de sexos opostos, como do mesmo sexo. Quando elas forem flagradas em uma situação assim, os pais devem explicar que a intimidade das crianças e dos colegas precisa ser respeitada.

Ensine a tolerância

Uma ótima oportunidade

para falar sobre tolerância surge quando as crianças fazem perguntas sobre homossexualidade. Os pais devem dizer que relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo existem e precisam ser respeitados. Se a pergunta vier acompanhada de um juízo do valor, os pais devem expor sua opinião sobre o assunto. Ou seja, se aceitam relações homossexuais podem dizer que não há problema no comportamento. Se não aceitam, devem explicar ao filho por que não acham o comportamento recomendável.

Alerte seus filhos

Quanto mais informada a criança estiver a respeito das questões sexuais, mais fácil será para que ela se previna de situações de risco. Os pais devem deixar claro que criança não faz sexo e que adultos só podem fazer sexo com adultos. Devem alertar ainda que as crianças não podem acariciar ou beijar o corpo de adultos.



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

DEMAIS DA CONTA

Em busca de preciosos achados de papel amarelado, me enamorei do *Dicionário do Brasil Central*, de Bariani Ortêncio, edição de 1983 (Ática). Se não foi reeditado, deveria. Para quem está cercado de Goiás por todos os lados, e tem uma zona rural predominantemente goiana, o livro é um encantamento de palavras. De pronto, o autor esclarece que não é etimólogo nem gramático. Diz-se “apenas um pesquisador”. Diria eu um caçador de palavras.

Catou, por exemplo, *destrangolado*, que vem a ser “mal-arrumado”. O uso é

tirado de Bernardo Élis: “Que carro mais destrangolado, meu Bão Jesus da Lapa — fungava de riso o vendeiro”.

A sabedoria popular dá às palavras a força que elas possuem. Tanto assim que muita gente evita pronunciar *desgraça* (toc-toc-toc). Surgiram, então, vários eufemismos: *disgrama*, *disgranhudo*, *disgreta*, *disgrinxado*, *disgranhuda*, *disgrotta*, palavras de uso não necessariamente exclusivo dos habitantes do Brasil Central, como bem explica Ortêncio.

Da obra do escritor goiano Carmo Bernardes, o pesquisador retirou: “Um dia ele teve a cachimônia de levar minha mulher a uma festa...”. *Cachimônia*, que palavra mais sonora, singular, de se ouvir uma vez e não mais se es-

quecer. Significa coragem, capricho, ousadia. ‘Fazer cocô’, em goianês, pode ser substituído por *decocrar*. Não há outro sinônimo mais elegante.

Quem já foi a Goiás Velho sabe do que vou falar. De alfenim. São os docinhos mais delicados que a gastronomia universal já conheceu, que me perdoem o desbragamento. Peço ajuda a Cora Coralina: “O alfenim é único, e só os dedos de fada das humildes confeitarias goianas o sabem fazer com tão rara perfeição, modelando em açúcar toda uma fauna minúscula, aves, peixes, entidades fabulosas, dragões e se-reias...”. O verbete alfenim consta do *Dicionário* de Bariani Ortêncio.

Também habita o vocabulário do

Brasil Central um muito simpático substituto para o diminutivo “-pequenininho”, já não mais em uso, exceto em obras literárias. O escritor Eli Brasiliense dele lançou mão: “Sua tnhinha mesmo, desde *assinzinho*, era ser doutor, de anelão e tudo”. Tinhanha é mais uma do vasto vocabulário goiano. Vem a ser vontade exagerada.

Palavra, por si só, poética, *meianoitana* é exatamente o que parece, meia-noite, só que dito de um jeito derramado, lírico, quase musical. *Lhaguelhé* é um pé-rapado, um João-ninguém. *Zorimbeta* é um abobalhado, *embeçado* é alguém apaixonado, de quatro, azuretado por outro alguém. *Coió* é bobo: “Eles tão é imbromando, seu coió”, es-

creve o imortal Bernardo Élis.

O pesquisador registra a família do verbo *coisar*, por quem tenho muito apreço. Tem o verbo *coisar*: “Pois digo ainda mais: o verbo *coisar* é transitivo direto, pede objeto, segundo estou informado e a gramática popular me ensinou: quem coisa, coisa alguma coisa”, escreveu o cronista D.L.Rodrigues. *Coiseira* é coisa mal-arrumada, *coiserada* são várias coisas, *coisado*, feito, *coisinha* pode ser um tratamento afetuoso: “Ó, coisinha linda, o que você quer?”.

Esturdia é outro dia, *indagorinha* é o que parece, *tenência* é firmeza (“toma tenência, menina”), *demais da conta* é mais goiana das expressões. Passar pelas palavras é bom demais da conta.